



## **Diagramações Para “Felipão” <sup>1</sup>**

Antonio Guilherme SCHMITZ FILHO<sup>2</sup>

Gerson Barcelos da SILVA<sup>3</sup>

Vagner de Magalhães SILVA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

O artigo recorre os principais fatos acerca da trajetória do técnico da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2002 (Luiz Felipe Scolari). Para tanto, a matriz empírica do estudo utiliza o Caderno de Esportes do jornal Zero Hora devido à abrangência e à capacidade de circulação. Neste sentido, o problema de investigação busca “compreender como alguns pressupostos esportivos foram organizados em relação ao desenvolvimento de apreciações midiáticas acerca da atuação do técnico e dos jogadores”. Com especial atenção às diversas proposições acerca do jogo e às considerações técnico-táticas passíveis de descrição e análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** futebol, análise, jornalismo esportivo.

### **TEXTO DO TRABALHO**

#### **1. Introdução**

A condição de ocupar o cargo de técnico da seleção brasileira de futebol é sempre um acontecimento de ampla discussão e, acima de tudo, polêmico. Toda vez que uma representação nacional se reúne ou é formada com a finalidade de participar de um evento esportivo, a proliferação de tendências e preferências em relação ao técnico da seleção brasileira torna-se algo avassalador. Em muitos casos, dependendo da situação (resultados obtidos), o treinador torna-se objeto de expiação em praça pública.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Científica/comunicação de pesquisa empírica, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O artigo é uma síntese do original de mesmo nome, aceito para publicação na BOCC, área de jornalismo.

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Professor (categoria adjunto) do Departamento de Desportos Coletivos do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e doutor em Processos Midiáticos pela UNISINOS/RS, orientador da linha de pesquisa Conteúdos Esportivos Midiáticos, schmitzg@terra.com.br.

<sup>3</sup> Especialista em Conteúdos Esportivos Midiáticos do Curso de Especialização Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde do CEFD-UFSM, email: gersongeinza@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Aluno de especialização em Conteúdos Esportivos Midiáticos do Curso de Especialização Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde do CEFD-UFSM, email: vagner14@gmail.com.



Talvez, o exposto caracterize muito bem o momento brasileiro na fase final de classificação à Copa do Mundo de 2002. Em nenhum momento ou em nenhuma ocasião se admitia a possibilidade do Brasil “ficar de fora” daquilo que é considerado a essência de ser brasileiro (nacionalismo exacerbado). Tal fato é representativo do sentimento brasileiro na oportunidade: um pavor nacional. Nestas circunstâncias, quase à beira de um plebiscito nacional, buscava-se o salvador para a Pátria em Chuteiras.

A grita nacional, considerando, sobretudo, o espaço midiático como espaço de discussões e debates, fazia-se em torno de um nome capaz de superar as terríveis previsões sustentadas até então acerca do insucesso da seleção. Vários foram cogitados e algumas experiências frustradas. Como exemplos, citam-se Carlos Alberto Parreira e Wanderley Luxemburgo, como possíveis “salvadores” dispensados. Neste contexto, surge como um protagonista de filmes de “007” e chega para salvaguardar o orgulho nacional, Luiz Felipe Scolari (o Felipão).

No entanto, pairava no ar, ainda, um sentido de “vai-não-vai”. Tal situação ganhou relevo na Copa América de 2001, com o desempenho e a colocação conquistados (eliminação nas quartas-de-final frente à equipe de Honduras). Soma-se a isso tudo, a firme decisão adotada por Felipão em não levar uma das grandes estrelas do futebol mundial, o “baixinho” Romário. O jogador foi considerado o salvador da classificação à Copa de 1994 e protagonizou um episódio novelesco – o corte – durante a preparação à Copa de 1998. De forma geral, os aspectos apresentados acima compuseram um sentido para o esporte/futebol na ocasião.

Para tanto, a escolha em basear a matriz empírica do estudo no jornal Zero Hora e a opção em utilizar o Caderno de Esportes como fonte recorrente de dados, diz respeito à abrangência, à capacidade de circulação, bem como à apresentação e à análise das principais apreciações jornalísticas. Sobretudo, se considerando a posição do jornal como um dos principais representantes da Rede Brasil Sul de Comunicação<sup>5</sup>, integrante do sistema midiático brasileiro.

Neste sentido, o problema de investigação busca “compreender como alguns pressupostos esportivos foram organizados em relação ao desenvolvimento de apreciações midiáticas acerca da atuação do técnico e dos jogadores durante a Copa do

---

<sup>5</sup> Informação extraída de [http://www.rbs.com.br/quem\\_somos/index.php?pagina=linhaTempo](http://www.rbs.com.br/quem_somos/index.php?pagina=linhaTempo), acesso em 1º/12/2007. Cabe ressaltar que a rede citada compreende os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (extremo sul brasileiro) e que duas equipes de futebol mundialmente conhecidas fazem parte deste contexto: Grêmio de Foot-ball Porto-alegrense e Sport Club Internacional.



Mundo de Futebol de 2002”. Com especial atenção às diversas proposições acerca do jogo e às considerações técnico-táticas passíveis de descrição e análise.

## 2. Metodologia

As perspectivas de análise<sup>6</sup> são referendadas em SCHMITZ (1999: p.161-171), fundamentalmente aquelas relacionadas à apreciação jornalística de tática em relação às críticas feitas ao treinador da seleção brasileira e as considerações sobre as análises críticas descritas.

Neste sentido, pretende-se revisar, em relação à trajetória de Luiz Felipe Scolari, os seguintes pressupostos: a) a condição artística apregoada jornalisticamente em relação às suas concepções táticas, b) atributos defensivos listados e relacionados ao treinador, c) sentidos conferido à conduta do treinador em relação à liberdade e à diretividade de sua proposta tática e d) análise e compreensão da apresentação do comportamento tático do treinador da seleção (tática como disposição de jogadores e como sinônimo de substituição, erros, falhas e desastres antecipados ou atribuídos). A investigação obedece aos seguintes procedimentos: busca, aquisição e organização do material referente às coberturas jornalísticas esportivas – Caderno de Esportes<sup>7</sup> do jornal Zero Hora no período de realização da Copa do Mundo de 2002; estudo e avaliação do material ordenado no acervo e elaboração de um roteiro (com indagações) para confecção de uma planilha inicial de análise e descrição.

A ordenação proposta à análise do material empírico garantiu um recorte que oportunizou um foco nos momentos mais importantes ou delicados, dependentes das fragmentações jornalísticas utilizadas pela ZH nas apreciações da seleção brasileira na Copa de 2002. Para tanto, as edições do Caderno de Esportes, selecionadas compreendem o período de 19/05/2002 a 02/07/2002, num montante de 45 exemplares.

Para efeito de ênfase nos recortes utilizados na descrição, se utilizou um movimento de readequação (de macro > para micro análise), como forma de entender os sentidos em processo. Ou seja, uma primeira revisão foi realizada no montante dos exemplares. Em seguida, uma segunda revisão foi realizada nos exemplares restritos ao período de realização da Copa. E finalmente, uma terceira revisão estabeleceu as principais temáticas em apreço, analisando-se para tal os encartes após os jogos da

---

<sup>6</sup> As perspectivas de análise apresentadas neste artigo integram as considerações finais do Projeto de pesquisa intitulado: A TRAJETÓRIA DO TÉCNICO LUIZ FELIPE SCOLARI NA COPA DO MUNDO DE 2002 – uma proposta de análise a partir da perspectiva do Jornal Zero Hora (GAP/CEFD 2007, registro nº 020295).

<sup>7</sup> Durante a copa o caderno de esportes integrou o Jornal da Copa. A opção em manter a nomenclatura caderno de esportes diz respeito à formatação original e permanente do encarte no jornal Zero Hora.

seleção. Especialmente para a partida final, considerando-se o resultado, o encarte produzido após o jogo também integralizou o corpo de análise.

Como complemento ao acima exposto e como justificativa do sentido atribuído a partir do título do artigo (diagramações para...), cabe ressaltar ao destaque que MOUILLAUD (1997, pg. 32) apresentou para o sentido produzido via dispositivo midiático.

A escritura dos fatos fragmentou o discurso da imprensa em seqüências curtas e heterogêneas cuja unidade não provém mais da ordem interna do discurso, mas da ordem externa da diagramação<sup>8</sup>.

### 3 Trajetória do ator principal

A cultura brasileira ou o senso comum, de forma geral, preconiza no futebol a beleza do ataque em detrimento às mazelas da defesa. Tal fato não permite ou limita em muito uma visão de jogo que considere de forma adequada o jogar sem a bola. Na maioria dos casos, o jogo sem bola é um atributo reservado aos “artistas” ou “pensadores” do ataque. Aos defensores se reserva a árdua tarefa de destruir ou desmanchar os rumos organizados em direção ao gol.

DAMO (2002: p. 125-126) colabora no entendimento de uma noção que aponta elementos para se pensar a significação do jogo de futebol (ataque e defesa). O autor apresenta argumentos para a “invenção do estilo brasileiro” e lista uma série de atributos que parecem organizar diversas oposições e produzir outras tantas (ver quadro abaixo).

<b>Futebol brasileiro</b>	<b>Futebol europeu</b>
Artístico	Competitivo
Espetáculo	Eficiência
Dionisíaco	Apolíneo
Barroco	Clássico
Intuitivo	Racional
Natureza	Cultura
Dom	Aprendizado
Rua	Clube/escola
Jogo	Esporte
Individual	Coletivo
Agilidade	Rigidez

<sup>8</sup> Para MEDINA (1988), diagramar não compreende somente o exercício da técnica que visa estabelecer a disposição dos espaços a serem ocupados pelos elementos textuais, ilustrações, legendas, gráficos, desenhos e fotos no universo do jornalismo impresso – o que seria um diagramar no sentido restrito atrelado a precisão e a distribuição métrica da informação jornalística – no entanto, a autora amplia a idéia de diagramação, não estabelecendo apenas o uso da técnica de ordenação do espaço informativo no ambiente da página, mas também como um elemento ordenador do olhar dos leitores (atribuições de sentidos, angulações).



Habilidade	Força
Malandro	Caxias
Candomblé/umbandismo	Catolicismo/protestantismo
Futebol-arte	Futebol-força

Mesmo não existindo referência clara no texto em relação à separação entre ataque e defesa, é possível compreender ou, ao menos verificar, o sentido produzido através da informação jornalística, quando alguma destas características acima se agrega a um personagem ou episódio do futebol brasileiro. O maior exemplo talvez possa ser atribuído ao jogador Gerson que, a partir da copa de 70, foi o grande representante da malandragem brasileira.

O levar vantagem em tudo acabou como peça publicitária e slogan em diversos comerciais produzidos em épocas de Copa. Como também, a expressão carregador de piano, integrante da noção conferida àqueles jogadores que atuam preferencialmente no setor defensivo faz parte do plantel de atributos imputados ao técnico Luiz Felipe Scolari em diferentes momentos da sua carreira, mas isto ainda é suposição.

A tradição que se (re) inventa a todo o momento, especialmente em um evento esportivo de grandes proporções, potencializa uma problemática histórica produzida há bastante tempo. GASTALDO (2003) apresenta tal problemática como fruto de uma construção social de identidade ou caráter nacional no Brasil. Para o autor, o grau de complexidade desta relação se agrega a outra perspectiva de identificação: a relação periferia x centro (Rio Grande do Sul e o centro do País). O que reflete uma crise histórica de legalidade e direitos e, por conseguinte, estabelece uma oposição identitária entre “gaúchos” e “brasileiros”.

O discurso produzido na mídia esportiva aumenta, em proporções gigantescas, a relação da seleção nacional com o povo brasileiro em tempos de copa. A convergência do ser brasileiro e o sentido de pertença têm sua marca d'água naqueles jogadores que chutam adiante o orgulho e a irreverência e naquele que acima de um chefe de estado é o responsável em perpetuar as façanhas com a bola no pé (o treinador). Neste sentido, tanto para SIMONE GUEDES (1998) como para GASTALDO (2003) aquilo que é produzido midiaticamente acerca do esporte/conteúdos esportivos produz constantemente definições de uma realidade esportiva, e articula elementos de produção e uma reprodução de uma determinada cultura.

As grandes conquistas de Luiz Felipe Scolari aconteceram frente à equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. Foram inúmeras partidas decididas nos minutos finais, o que lhe imputou uma aura de sorte e capacidade de reverter dificuldades táticas



em situações extremas. Mitifica-se o “toque mágico” dado pelo treinador durante os intervalos e a irreverência de ações incisivas à beira do gramado. Mas compreender as conquistas alcançadas através das alterações táticas transcende a limitação da fragmentação dos conteúdos esportivos produzidos midiaticamente. Cabe observar um dos exemplos dados por DAMO (2002: p. 138) em relação à perspectiva de análise do comportamento e idealização de atuação do técnico.

Continuo batendo na mesma tecla: futebol não se ganha fora do campo. [...] Eles têm uma boa equipe, mas ela poderia ser melhor aproveitada. Jogando futebol, o Grêmio poderia ter tido melhor sorte [...] O time gaúcho é um reflexo do Luiz Felipe, seu treinador. Na época em que ele era jogador, sempre foi considerado um atleta violento. Tinha pouca técnica e fazia muitas jogadas agressivas. O Grêmio, em certas ocasiões, mostra-se uma equipe desleal [...] (FSP, 25/6/95).

Cabe destacar que a citação acima é fruto da opinião (crítica) de outro técnico, Telê Santana, que emprestou sua notoriedade para determinar um perfil consensual sobre o comportamento do técnico gaúcho via mídia do centro do país. No caso utilizado como exemplo, prevalece um regime de verdade, que surge via informação jornalística, fundamentalmente quando a notícia aciona por mecanismos de relação, a notoriedade de quem a escreve.

Por vezes, vários procedimentos semelhantes organizam a atribuição de juízos de valor e desencadeiam sensacionalismos exacerbados em detrimento de uma análise de mérito da construção tática desenvolvida. Isto é claro no exemplo citado abaixo por DAMO (2002: p. 140):

Não acho que o time do Grêmio seja apenas viril, valente, “pegador”, como querem alguns. É também desleal. Foi um prazer vê-lo batido pela Portuguesa, enredado na tática de Candinho, um técnico ponderado, que não é visto nas derrotas gritando ameaças e palavrões na margem do campo. Se o Grêmio vencer a Portuguesa no jogo de hoje, em seu campo, que o faça na bola e não nas canelas do adversário ou jurando transformar o saco do juiz e dos bandeirinhas em boleadeiras, tchê. Aldir Blanc, O Estado de São Paulo – ESP, 15/12/96.

#### **4 A notícia esportiva em movimento**

A notícia esportiva adquire mobilidade no momento em que o esporte passa a integrar o sistema cultural com regularidade. O sistema midiático, o qual tem no jornalismo seu mais nobre representante, promove a sedimentação necessária para o acúmulo e o fortalecimento dos conhecimentos específicos à noticiabilidade esportiva.



Para SCHMITZ (2005), o esporte ganha protagonismo através dos novos contornos e dos processos de transformação, advindos de diversos setores do conhecimento; eles tornam-se partes atuantes no estabelecimento de condições específicas de interação. Conseqüentemente, a abrangência do sistema midiático amplia a rede planetária dos interesses vinculados ao esporte, bem como a complexidade das questões que o envolvem.

Para desenvolver uma apreciação das implicações acerca dos sentidos a partir das relações entre o sistema esportivo e midiático, o autor pergunta: como a questão cultural/esportiva vem se processando na abrangência dada pelas coisas da vida?

Uma possibilidade de resposta pode buscar referência no sentido produzido no jornalismo. Torna-se fundamental destacar algumas apreciações feitas por investigadores brasileiros que se ocupam com a problemática da produção de sentido no jornalismo esportivo.

Para FAUSTO NETO (1994) o discurso não se reserva apenas no deslocamento do “mundo privado para a praça pública”, mas também se interessa em deixar evidências enunciativas claras que demonstrem o quanto a construção do agendamento do acontecimento perpassa o papel de interlocução do discurso jornalístico. A questão não se limita apenas na interrupção do discurso pela fala de novos interlocutores, mas sim no estabelecimento de uma agenda<sup>9</sup> que predetermine o papel funcional da agenda jornalística como dispositivo de oferta de sentido.

SCHMITZ (1999) acrescenta que a problemática da produção do sentido dentro do contexto esportivo e a relação do esporte com o campo jornalístico aumentam a cada nova edição da Copa do Mundo de Futebol. Nas construções das informações jornalísticas sobre o futebol, as análises e as avaliações de cunho técnico-tático, tanto sobre a equipe como um todo, quanto sobre elementos individuais, ocupam local de destaque e abrangem a grande maioria do conteúdo jornalístico das reportagens e/ou comentários esportivos.

BORELLI (2002: p.7) destaca que o espaço dedicado todos os dias ao esporte é fruto de negociações, de disputas, de jogos de interesse travados dentro e fora das mídias. A cobertura do esporte resulta, então, desta polêmica, deste jogo de vozes,

---

<sup>9</sup> FAUSTO NETO *apud* BORELLI (2002) retoma a questão do sentido no jornalismo esportivo via agenda midiática em palestra proferida em 14 de dezembro 2001 no CEFD/UFSM durante o II Seminário de Mídia e Esporte; destacando que o agendamento no esporte na esfera das mídias brasileiras é uma conseqüência de inúmeras e complexas “transações”.



destas injunções polifônicas de todos os campos sociais na luta por notoriedade, visibilidade e, enfim, legitimação.

Alguns aspectos interessantes acerca do sentido devem ser destacados a partir das proposições dos autores. O sentido como algo que é depositado para a continuidade da funcionalidade da agenda esportiva em diferentes momentos de estruturação/fixação do sistema midiático. O sentido como o entrecruzamento de forças para a legitimação de uma concepção de esporte (perenidade, vigência, legitimação, etc.), e o sentido como resultado de apreciações que atribuem diferentes níveis para a avaliação de mérito e o juízo de valor sobre determinada pessoa ou grupo de pessoas (jogadores e técnicos de futebol).

Essa impressão encontra suporte teórico nos textos dos investigadores de análise do discurso qualitativa (Alsina, Verón, Fausto Neto, entre outros), onde estão bem descritos e caracterizados o meio, as formas e demais estratégias. Como a intervenção, a produção do sentido na direção da condução intencionada de acontecimentos se sucede. Durante a construção metodológica destes estudos, se percebe como os dispositivos midiáticos encaminham, através dos processos de enunciação, estratégias próprias de produção do sentido e no agendamento de processos de intervenção de acontecimentos para diferentes campos sociais.

### **5 Ponderações sobre o regionalismo<sup>10</sup> na produção das notícias**

Na proliferação de críticas, principalmente por ocasião das convocações da seleção ou nas substituições de jogadores em situações específicas, a apreciação jornalística também é influenciada por aspectos regionalistas. A estruturação da notícia se ordena em consonância com a preferência do jornalista, do comentarista, do articulista, etc., ou em conformidade com o contexto de inserção do veículo que suporta a informação.

O discurso informativo para BERGER & LUCKMANN (2002) age como dispositivo social e atua diretamente na legitimação interpretativa dos acontecimentos. Direciona as diversas possibilidades de leitura. A internalização constitui o primeiro reforço para a compreensão dos próprios semelhantes e para a compreensão do mundo

---

<sup>10</sup> Item baseado na discussão sobre regionalismo apresentado na dissertação intitulada: O Jornalismo Esportivo na Copa de 1998/uma tentativa de análise crítica das críticas.



como realidade significativa e social. Jornal, televisão e rádio cumprem a função de reforço das identificações sociais (familiarização > institucionalização)<sup>11</sup>.

A identidade é fruto de interatividades. A notícia age neste contexto como elemento integrante da construção social da realidade e formata o mundo social. Define a noticiabilidade dos acontecimentos através de sua rede espacial de informações. O conhecimento rotineiro dos profissionais de informação possibilita a dominação das temporalidades sociais. A notícia torna-se instituição, e como tal, harmoniza interpretações (reforça a comunhão entre pares) valendo-se das várias condições de reconfiguração do conhecimento advindos da realidade em construção.

FELIPPI (2007, p. 07) enfatiza que os próprios editores apontam o “localismo<sup>12</sup>” como uma convergência mundial dos jornais. Para a autora, a tendência natural dos jornais e a de se voltarem para o estado, a região ou a cidade onde estão sediados, como forma de sustentabilidade. Destaca a observação do Editor-chefe da ZH (...) nosso objetivo é esse: onde tem um gaúcho, Zero Hora quer estar junto, esteja ele na Indonésia, Sri Lanka, Maldivas, na Copa do Mundo, na guerra do Afeganistão, no Iraque.

Neste sentido, o que se pretende com o desenvolvimento deste artigo é colaborar com elementos relacionados às apreciações regionalistas, considerando a necessidade de discutir os aspectos que influenciam a análise e a avaliação do desempenho dos treinadores, dos jogadores e suas capacidades. Conforme SCHMITZ (1999), não é possível definir claramente e diretamente o desenvolvimento de apreciações e críticas neste contexto. Porém, com o incremento de alguns casos estudados, existe a possibilidade de identificar diferenças regionais presentes nas apreciações, bem como preferências em relação a estilos de jogo e jogadores.

Tais atributos atuam na constituição de um entendimento geral acerca do jogo. Características regionais ou atributos específicos, quando não fragmentados ou isolados por um tratamento sensacionalista, tornam-se importantes à compreensão e disposição de conteúdos esportivos. Com a disposição de conteúdos esportivos, o jogo evolui e ganha notoriedade através dos relatos e das apreciações dos experimentos produzidos em campo, nos treinamentos e jogos; analisá-los é o grande desafio e talvez o grande

---

<sup>11</sup> SILVERSTONE (1994: pp. 51-93), aponta a família como um sistema que possibilita indagações sobre a natureza da vida em grupo sob a ação contínua de regras e normas.

<sup>12</sup> FELIPPI (2007) apresenta o localismo como um critério de noticiabilidade importante que surge como caminho que assegura a captação de leitores e resguarda a manutenção do mercado. Para a autora, isso ocorre mediante adequações discursivas acionadas com o intuito de interpelar os leitores vias aspectos identitários e de pertencimento. Também a Constituição Brasileira resguarda, no Capítulo V, artigo 221, item III o cuidado com a regionalização da produção jornalística (p. 145).

diferencial para a reformulação de uma estrutura esportiva voltada ao contexto educacional (escola, ensino superior, sociedade, etc.).

Os eventos esportivos enquanto elementos noticiosos funcionam como eixo articulador às observações sobre a constituição do regionalismo. No Brasil, o futebol é o grande agenciador para tais observações em virtude da importância cultural adquirida ao longo dos anos. As duas citações acima fornecem bons indicativos de como a notícia gera fluxos<sup>13</sup> e diferentes formas de institucionalização de aspectos culturais que, de certa maneira, ajudam a envolver e a estabelecer um entendimento próprio para questões da vida cotidiana. O jogo de futebol assume, neste contexto, um papel determinante no estabelecimento de perfis e na regulação da valorização maior ou menor de hábitos e comportamentos.

O técnico brasileiro de 2002 foi o grande ancoradouro de uma série de atributos que indicaram sua concepção de jogo e, conseqüentemente, futebol. O viés regionalista extraído do Caderno de Esportes do Jornal Zero Hora, entre outras coisas, caracterizou as “formatações” impostas a Luiz Felipe Scolari durante o tempo em que treinou a seleção brasileira. E colaborou a constituição de uma diagramação própria para o personagem Felipão.

## **6 Discussões sobre os resultados de Felipão “Diagramado”**

As discussões apresentadas nets item são o resultado das análises realizadas no material empírico utilizado (Caderno de Esportes/ZH). Como o artigo foi sintetizado para adequação as normas do evento, alguns elementos, tais como, o corpo descritivo das análises e alguma s argumentações mais extensas foram retiradas. No entanto, a essência da discussão acerca dos atributos defensivos foi preservada e o contexto jornalístico-esportivo significativo do texto mantido.

A idéia de jogo construída ao redor do técnico Luiz Felipe Scolari e as diversas atribuições ao seu desempenho como treinador ligou-se a concepções que intencionaram definir um perfil à sua forma de atuar como jogador no passado. Junta-se a esse perfil a maneira como ele comanda as equipes durante as partidas (a beira do gramado).

Neste sentido, quando surgiu a idéia de marcação a partir dos atacantes (Ronaldinho, Ronaldo e Denílson), enfatizou-se que a tarefa desempenhada pelos jogadores aconteceu sobre pressão, através da imposição do treinador. Para além da interpretação de severidade, considerando os atributos defensivos – marcação e o

---

<sup>13</sup> HENN (2002) desenvolve uma compreensão para a movimentação da notícia através de fluxos e processos de institucionalização gerados a partir da parte nobre (jornalismo) que reveste o núcleo do sistema midiático.



sentido conferido em relação à liberdade e a diretividade da proposta tática, cabe considerar que:

- A opção por uma conduta em detrimento de outra, a exemplo do retorno para marcar, faz parte do planejamento tático e, na maioria dos casos, independe estritamente do temperamento do treinador.
- A importância da marcação<sup>14</sup> pressupõe capacidade (colocação, antecipação, abordagem, etc.) de jogar sem a bola. Uma prerrogativa que não diz respeito somente ao atacar, mas fundamentalmente ao defender. Isso implica na organização do conjunto defensivo (coesão), através de coberturas, troca de marcação, disposição na linha do passe, entre outros. O que favorece certa racionalidade e economia de esforços e auxilia na superioridade numérica da defesa em relação ao ataque e na retomada da posse de bola.

Em decorrência, falhas e erros são facilmente atribuídos aos defensores. Principalmente aos zagueiros (dois ou três), pois somente eles, considerando-se o senso comum, são os responsáveis por defender. Os demais, ou possuem função mista ou são apenas atacantes.

Antes mesmo de a Copa começar, o jogador Roque Junior foi alvo de críticas severas em virtude de não ser o titular no seu clube de origem. Nas partidas da Copa, o zagueiro nunca foi substituído, isso talvez possa justificar o seu bom desempenho. Kléberson, mesmo não integrando o recorte descritivo, passou por situação semelhante, foi contestado inicialmente, mas depois foi fundamental à ligação entre ataque e defesa da seleção. Destaque para a sua participação na final, quando assistiu Ronaldo no segundo e definitivo gol. No mesmo jogo, de longa distância, chutou uma bola na trave que abriria o placar da partida.

No jogo frente à Inglaterra, Kléberson protagonizou uma situação bastante peculiar. Mesmo em contradição ao que era preconizando como alternativa do treinador para proteção da defesa: utilização de dois volantes somente depois de assumir a vantagem no placar. Kléberson sai jogando e toda uma idéia de *ofensividade* pré-concebida é alterada.

---

<sup>14</sup> Para SCHMITZ (1999: p.144), a marcação é vista como ação individual de defender. O conceito de marcação pressupõe que cada indivíduo seja capaz de marcar pelo menos um oponente direto, se marcar dois, melhor. O sucesso da defesa vai depender da qualidade da marcação, que em última análise é caracterizada pelo sucesso do marcador frente ao seu oponente, ou seja, pela capacidade do marcador de vencer o confronto com o atacante.



Outra interpretação única de tática ou entendimento dela foi por ocasião da lesão e do corte de Emerson. Um problema de antecipação na avaliação do que ocorreria taticamente com a saída do jogador. Parece que as ações táticas defensivas ou a orientação destas se concentravam em apenas uma pessoa. Em decorrência surgem dúvidas em relação à capacidade do treinador em reorganizar sua proposta em curto espaço de tempo.

Uma primeira apreciação regionalista cresce em cima do problema gerado. Ricardinho, jogador do Corinthians, representante do futebol paulista é convocado e chega depois da estréia do Brasil na Copa. Muito embora a convocação parecesse ter sido tomada a partir de uma situação de correção por parte do treinador. A maior preocupação observada é de cunho regionalista. Ou seja, uma ameaça à titularidade de Ronaldinho (o Gaúcho) e o domínio do comando da seleção por um paulista (provável liderança).

Ainda no contexto regionalista é clara a preferência por Anderson Polga na titularidade da seleção. Duas indicações são passíveis de destaque. A primeira por sua qualificação gremista (perceptível nas descrições realizadas), a segunda decorre da possibilidade de ocupar o mesmo espaço com outro representante do futebol gaúcho: o Lúcio colorado.

Para além do contexto regionalista citado, cabe destacar a profusão de imagens e termos utilizados para conotar o regionalismo, tais como: a logomarca da torcida coruja – a corujinha de poncho, a estátua do Laçador trajando verde e amarelo, os guris de Felipão, um ano de mate na seleção, Boa guri, era como um dia de Gre-Nal, entre outros.

A mítica do Gre-Nal envolvendo o regionalismo (jogo pegado, violento), que na maioria dos casos serve para estabelecer diferenças entre a mídia gaúcha e a mídia do centro do país (discussão sobre competências técnicas e táticas), foi utilizada como elemento de comunhão (via louvor a clássicos regionais) na caracterização da vitória brasileira frente aos ingleses. Interessante como um elemento de disputa sobre a idealização do futebol brasileiro se reverte sem muita dificuldade em componente de orgulho nacional partilhado.

Outro fato marcante do aspecto regionalista durante a Copa ocorreu por ocasião da conquista do penta. Uma autofagia de pertença em relação à cidade gaúcha do treinador da seleção – Passo Fundo, Caxias do Sul e Canoas – foi disposta no sentido de



estabelecer grau de importância e significação para a conquista. Neste caso, caberia outra investigação de como isso ocorreu através das mídias locais.

Em continuidade à análise e compreensão da apresentação do comportamento tático do treinador, cabe destacar que, no quesito sobre a disposição de jogadores, observou-se:

- O contraditório em tornar o time ofensivo a partir da organização defensiva. Apesar de ser tomado como um treinador que se preocupa essencialmente com a defesa e a organização de retrancas, Luiz Felipe Scolari surge como revolucionário ao priorizar o gol antes da organização defensiva.
- No jornalismo esportivo é corrente a idéia de separar os titulares dos reservas e as substituições tradicionais de jogadores de mesma posição (atacante por atacante, defensor por defensor). O treinador brasileiro alterou a escalação de uma partida para outra (Polga, Edmilson, Juninho, Junior, etc.). Usou volante como base de sustentação para o ataque (Kléberson), usou atacantes na marcação (Ronaldo, Ronaldinho), fez alterações mudando a posição dos jogadores em campo (no jogo frente à China troca de posição para conter o avanço dos alas), estabeleceu titularidades momentâneas. Uma demonstração da infinidade dos fatores influenciadores de tática. Que, por vezes, é tomada unilateralmente no jornalismo esportivo.
- Que na maioria dos casos, e a foto da matéria que apresenta a defesa brasileira como uma peneira, serve de exemplo. Existe uma clara separação entre defensores e atacantes. O grande problema de se efetivar um entendimento razoável do jogo consiste na dificuldade dada na insistente polarização citada. Aos jogadores de ataque se reserva a condição de estar ligado a tudo que diz respeito à beleza plástica do jogo. Malabarismos, criações espetaculares e jogadas repetidas à exaustão são a tônica que caracteriza o setor. Por outro lado, e desde o meio-campo para a defesa (incluindo o goleiro) se localiza o setor menos nobre do jogo. A ele se liga uma série de atributos depreciativos que determinam uma desvalorização natural daqueles que ali jogam.



A contribuição produzida com este trabalho de pesquisa foi a de trazer à luz da discussão acadêmica alguns detalhes que implicam em como uma idealização específica (regionalismo) de jogo acontece em determinada situação (grandes eventos esportivos). A fragmentação da idéia de jogo a partir da produção de conteúdos esportivos midiáticos cria a possibilidade de discutir a própria fragmentação do conhecimento. Tanto para o jornalismo especializado como para o ensino esportivo, a separação acima citada entre ataque e defesa, dificulta a compreensão de uma série de outros conceitos. A inter-relação entre a técnica e a tática é um exemplo. Se o foco de interesse do espetáculo esportivo se estreita em direção àquele que faz o gol, vai demorar ainda muito tempo para se compreender que a própria lógica inerente à evolução do futebol impõe certa racionalidade e uma ocupação que mistura tarefas e funções dentro de



campo. Isso solicita um redimensionamento da compreensão do jogo sem bola e das questões que envolvem seu funcionamento.

## REFERÊNCIAS

BERGER, L. Berger; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

BORELLI, Viviane. **O Esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**, Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

FAUSTO NETO, Antônio. **O Impeachment da Televisão**: como se cassa um presidente. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FELIPPI, A.C. **Zero Hora e o “localismo” como critério das notícias**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007.

GASTALDO, E.L. **A Família Scolari Somos Todos Nós**. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003.

GUEDES, S. L. “O Povo Brasileiro no Campo de Futebol” in: **O Brasil no Campo de Futebol**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

HENN, Ronaldo. **Os Fluxos da Notícia**. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2002.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um Produto à Venda**. São Paulo: Editora Summus, 1988.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

SCHMITZ FILHO, Antonio Guilherme. **A trajetória do técnico Luiz Felipe Scolari na Copa do Mundo de Futebol de 2002: uma proposta de análise a partir da perspectiva do jornal Zero Hora**. Santa Maria/RS: DDC/CEFD/UFSM, 2007. Projeto de Pesquisa – registro nº 020295.

\_\_\_\_\_, Antonio Guilherme. **A CPI do futebol: agendamento e processualidades sistêmicas**. São Leopoldo/RS: Ciências da Comunicação/UNISINOS, 2005. Tese.

\_\_\_\_\_, Antonio Guilherme. **Jornalismo Esportivo na Copa de 1998: uma tentativa de análise crítica das críticas**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1999. Dissertação.

SILVERSTONE, Roger. **Televisión y vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1994.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, 20/05/2002 a 28/06/2002.